



**Oportunidades Geoturísticas do Caminho dos Diamantes
(Estrada Real – MG): uma Viagem Descrita pela Perspectiva dos Viajantes Naturalistas**
Geotouristic Opportunities of the Caminho dos Diamantes
(Estrada Real - MG): a Journey Described Through the Perspective of the Naturalist Travelers

Suzana Fernandes de Paula & Paulo de Tarso Amorim Castro

*Universidade Federal de Ouro Preto, Programa de Pós-Graduação em Evolução Crustal e Recursos Naturais,
Departamento de Geologia - Escola de Minas. Campus Morro do Cruzeiro, Bauxita, 35400-000 Ouro Preto, Minas Gerais*

E-mails: suzanageotur@yahoo.com.br; ptacastro@gmail.com

Recebido em: 15/03/2018 Aprovado em: 13/07/2018

DOI: http://dx.doi.org/10.11137/2018_2_647_653

Resumo

O Caminho dos Diamantes (Estrada Real, MG) que liga as cidades de Ouro Preto e Diamantina, em Minas Gerais, existiu em função da descoberta e exploração de diamantes e ouro naquela região. A partir de relatos e descrições feitas por cientistas naturalistas que percorreram essa região, principalmente no século XIX, e associando a recursos atuais, foi possível entender os Lugares de Interesse Geológico e Mineiro (LIGEMs) além da perspectiva turística e perceber esses geossítios ainda através da ótica daqueles viajantes. Nos trabalhos de campo, ao aliar as ferramentas de navegação disponibilizadas pelo Instituto Estrada Real aos relatos destes pesquisadores naturalistas, percebe-se que a motivação e interesse de viagens motivadas pela geodiversidade antecede o apelo e utilização turística atual do produto Estrada Real. Sendo assim, baseado na importância histórica em entender e descrever o patrimônio geomineiro, conclui-se que o geoturismo pode ser uma alternativa para o aprimoramento turístico regional, além de ser uma ferramenta de conservação e educação.

Palavras chave: geoturismo; geodiversidade; relatos históricos; cientistas naturalistas

Abstract

The Caminho dos Diamantes (Estrada Real, MG) that links Ouro Preto and Diamantina has been constructed due to the discovery and exploitation of diamonds and gold in the region. In accordance with reports and descriptions done by natural scientists who traveled in this region, especially during the 20th century, and associating them with current means, it was possible to understand the places of interest geological and mining beyond the touristic perspective. It was also possible to see these geosites through the natural scientist travelers' point of view. During field trips, by combining the tools of navigation provided by Instituto Estrada Real to the reports of these natural scientist travelers, it can be realized that the motivation and interest in trips motivated by geodiversity precedes the appeal and use current of the Estrada Real touristic product. Therefore, based on the historical importance to understand and describe the geological and mining heritages, geotourism is an alternative to the upgrading regional tourism, besides it can also be a conservation and education tools.

Keyword: geotourism; geodiversity; historical narratives; natural scientists

1 Introdução

A partir do fim da primeira década deste século percebe-se um aumento da conscientização no que tange à geoconservação, especialmente com o reconhecimento da importância dos geossítios em prol do desenvolvimento sustentável, para os estudiosos das geociências e para o desenvolvimento de um novo segmento turístico: o geoturismo. Antes, pouco era percebida a necessidade de conservação cultural ou natural dos recursos, pois o consenso era de que o mundo e seus recursos eram inesgotáveis. Gradualmente, a geologia juntamente com o geoturismo evoluem nesse caminho. Porém, práticas como a depredação do patrimônio geológico tanto por pesquisadores, quanto por visitantes ou a extração e venda de fósseis e minerais para turistas e colecionadores, ainda são comuns. Sendo assim, através da utilização da geodiversidade na percepção de um novo segmento turístico pode-se vislumbrar oportunidades de geoconservação quando o turismo for tratado como ferramenta de divulgação, conhecimento e preservação destes sítios.

O produto turístico Estrada Real possui base consolidada e potencial de grandes oportunidades para o desenvolvimento de diversos segmentos turísticos. Esse projeto foi lançado em 2003 pelo governo de Minas Gerais, com o apoio de órgãos e instituições envolvidas com o *trade* turístico. Atualmente, é gerido pelo Instituto Estrada Real (IER), criado por iniciativa da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG) tendo como finalidade organizar, fomentar e gerenciar o produto turístico Estrada Real. Com mais de 1.630km de extensão, dividida em quatro caminhos distintos (caminhos Velho, dos Diamantes, Sabarabuçu e Novo) e passando pelos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, a Estrada Real é considerada a maior rota turística do país (IER, 2018).

O recorte deste trabalho foi dado unindo o patrimônio geológico e mineiro catalogados em campo aos locais que fazem parte do Caminho dos Diamantes (Estrada Real, MG) e aos relatos de alguns viajantes naturalistas que o percorreram. A partir desse recorte foi possível visualizar, através da

percepção destes cientistas, uma nova possibilidade de turismo naquela região.

1.2 Aspectos Fundamentais do Geoturismo

O geoturismo tem, cada vez mais, tornado uma opção ao desenvolvimento e aperfeiçoamento de um novo seguimento que privilegie o turismo em áreas naturais. Porém, conforme descrito por Moreira (2010), os estudos nessa área ainda são incipientes e faz-se necessário mais pesquisas à respeito das características, impactos e definições deste novo segmento. Ruchkys e Machado (2013) descreveram o geoturismo como uma atividade turística que utiliza do patrimônio geológico como atração principal, realizando a sua proteção através de pesquisas e conservação do ambiente. Tem por objetivo proporcionar ao turista a consciência do patrimônio geológico por meio de sua interpretação e tornando-o acessível ao público leigo. Aparentemente, os praticantes de “geoturismo” não possuem grande conhecimento e compreensão da geologia, tanto como ciência quanto como força histórica na mudança da sociedade. Muitas vezes eles têm uma compreensão limitada do desenvolvimento da geologia, da história, do significado dos geossítios e de sua relação com o geopatrimônio. Deste modo, é extremamente necessário realizar uma abordagem histórico-conceitual do atrativo, no sentido de esclarecer alguns desses aspectos e aprofundar os conhecimentos relativos ao geoturismo.

1.3 Possibilidades Turísticas na Estrada Real com Enfoque ao Caminho dos Diamantes

O trajeto do projeto turístico Estrada Real foi delimitado a partir dos caminhos outorgados ainda no período colonial, que receberam o nome de Estrada Real e que conduziam para as Minas Gerais, em meados do século XVIII. Além de ter sido o principal caminho de escoamento da riqueza mineral do país, a Estrada Real passou a exercer papel fundamental no desenvolvimento cultural, político e socioeconômico do Brasil. No total, o eixo principal da Estrada Real, de mais de 1.600 km de extensão, passa por 87 cidades e distritos (setenta e seis em Minas Gerais, três em São Paulo e oito

no Rio de Janeiro) e possui 80 mil km² de área de influência divididos em quatro Caminhos: Velho, Sabaraçu, Novo e Diamante, sendo este o enfocado neste trabalho. Ao longo dos quatro caminhos foram instalados marcos e totens que indicam os trajetos e pontos de interesse históricos (IER, 2018).

O Caminho dos Diamantes tem seu eixo principal com aproximadamente 400 km de extensão, ligando os municípios de Ouro Preto e Diamantina (IER, 2018). Este caminho passou a ter importância após 1729, quando as pedras preciosas descobertas no Arraial do Tejuco (Diamantina) passaram a exercer grande impacto econômico no Brasil e em Portugal mudando a realidade da capitania de Minas Gerais, que até então crescia em virtude da mineração de ouro. A vinda de naturalistas estrangeiros ao Brasil esteve vedada pela Coroa Portuguesa até a mudança de sua corte para o Rio de Janeiro, em 1808. Desde então, e ampliando-se no período do Brasil Império, vários estrangeiros percorreram o país com interesses diversificados. Naturalmente era grande o interesse entre eles para adentrar o interior do país e Minas Gerais tinha interesse particular, quer seja por suas riquezas minerais, quer seja por ter sido palco de grande intensa povoação e desenvolvimento no século anterior. O Caminho dos Diamantes foi um dos percursos utilizados de grande interesse para os cientistas viajantes europeus interessados nos aspectos naturais, sociais e econômicos, outrora vedado aos europeus não lusitanos.

2 Metodologia

Dentre os viajantes naturalistas que percorreram o Caminho dos Diamantes foram selecionados para este trabalho alguns que apresentaram em seus relatos aspectos que tem associações com o geoturismo. Foram consultados roteiros, biografias, diários e relatos de viagem publicados por alguns cientistas viajantes utilizados como fontes de informações para procurar e selecionar os lugares de interesse geológico, mineiro e natural em suas trajetórias. Além disto, foi realizada uma compilação de bases cartográficas dos percursos destes naturalistas e materiais atuais relativos aos elementos da geologia, geomorfologia, vegetação

e acessos em *sites* oficiais de órgãos e empresas públicas e privadas. Estas informações foram importantes para a realização dos campos, assim como para confecção de posteriores mapas temáticos e para contextualizar as informações obtidas. De forma geral, foram consultadas bibliografias de base sobre assuntos referentes ao turismo, geoturismo, à Estrada Real e aspectos geomineiros do Caminho dos Diamantes.

Em relação aos pesquisadores naturalistas, foi realizado um fichamento a partir do levantamento de obras destes autores a fim de selecionar informações pertinentes ao desenvolvimento ao tema desta pesquisa. Com bases em seus relatos, foram feitas três campanhas de campo para reconhecimento, seleção e inventariação dos Lugares de Interesse Geológico e Mineiros – LIGEMs (Paula & Castro, 2014).

Na primeira viagem foi realizado um levantamento dos possíveis pontos passíveis de registro e inventariação.

Na segunda saída ao campo, quando, utilizando apenas das planilhas e materiais de navegação disponibilizados pelo site oficial do Instituto Estrada Real, tentou-se percorrer todo o Caminho dos Diamantes passando por todos os marcos e totens construídos e afixados pelo Projeto Estrada Real. Para agregar informações, autonomia e maiores possibilidades de navegação o Instituto Estrada Real disponibiliza em seu *site* algumas ferramentas e planilhas de navegação que podem ser baixadas pelos interessados (IER, 2018). Nestas ferramentas de navegação é possível visualizar a distância a ser percorrida, a direção a ser tomada e a descrição de pontos de referência para que não sejam usados apenas os marcos como orientação.

Por fim, a terceira etapa de campo constou da realização do percurso do Caminho dos Diamantes, utilizando-se, concomitantemente, os relatos dos viajantes naturalistas para que, a partir da perspectiva desses cientistas, fosse possível selecionar alguns pontos importantes da geodiversidade deste percurso.

Como ferramenta de georreferenciamento optou-se por utilizar o aplicativo Wikiloc, disponível

para Android. Essa escolha foi feita pela preferência em utilizar ferramentas e recursos operacionais gratuitos para smartphones e de fácil entendimento para que a metodologia possa ser reproduzida por diversos públicos de forma acessível.

3 Resultados e Discussões: o Caminho dos Diamantes Descrito pela Ótica dos Viajantes Naturalistas

O fenômeno conhecido como *Grand Tour* favoreceu a aristocratas europeus a realização de viagens científicas em que foram relatados em diários, guias e outros documentos, as características

encontradas naqueles lugares para os quais viajavam. A partir daí vários deles organizaram expedições pelo território mineiro. Alguns estabeleceram-se em Minas Gerais, em função de interesses científicos ou mesmo por contratação pelo império português e, depois pelo brasileiro. O recorte dado ao trabalho abordou apenas a passagem de alguns cientistas na região da Serra do Espinhaço Meridional em Minas Gerais, entre Ouro Preto, a sul e Grão Mogol, a norte, que percorreram as rotas do rio das Velhas e do ouro e Distrito Diamantino ressaltando aspectos relacionados à geodiversidade, tais como picos e rios, que auxiliaram a sua orientação ou foram focos de seus estudos (Figura 1).

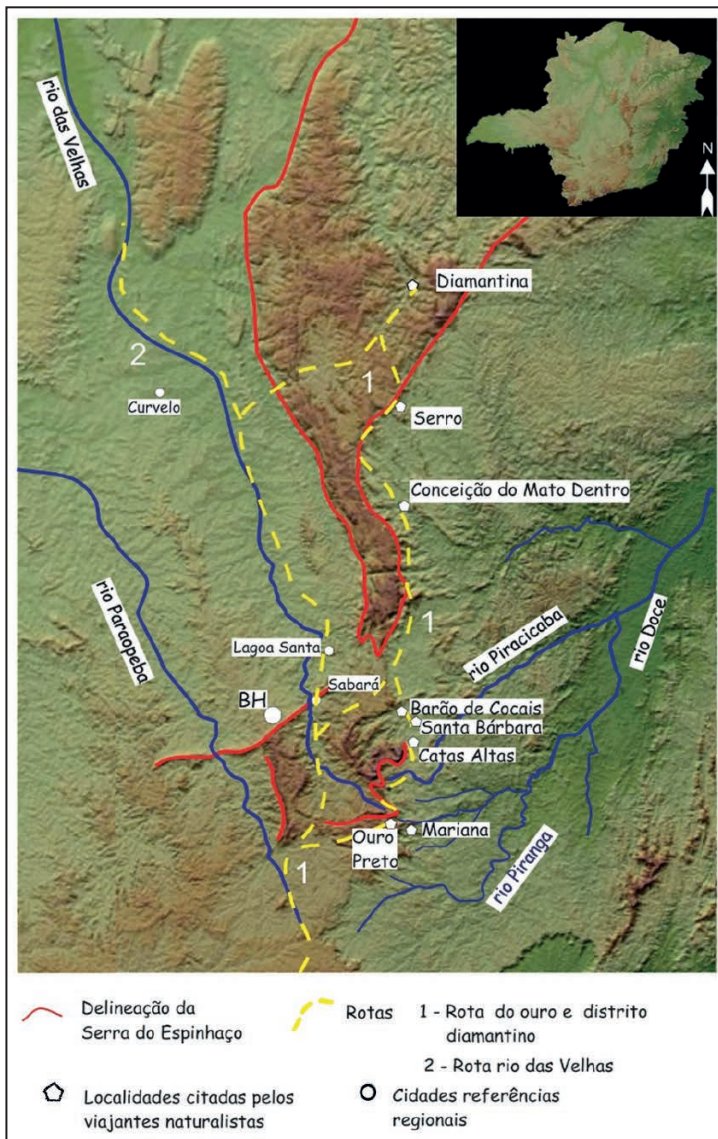


Figura 1 Localização das cidades e principais rotas dos viajantes naturalistas (Castro, 2018)

A presença desses cientistas na Minas Gerais do século XIX marcou os primeiros passos para a consolidação de conhecimentos sobre um vasto território, deixando um legado de relatos, roteiros e mapas cujas bases eram a visão integrada da natureza, seus recursos, a sociedade e a relação sociedade-natureza (Tabela 1),

Viajante	Período	Gentílico	Localidade / LIGEM
Eschwege	1810-1821	Alemão	Mariana
John Mawe	1812	Inglês	Catas Altas e Serro
Auguste de Saint-Hilaire	1817	Francês	Santa Bárbara, Barão de Cocais e Conceição do Mato Dentro
Jonh Luccock	1820	Inglês	Ouro Preto
Richard F. Burton	1867	Inglês	Diamantina

Tabela 1 Cientistas estrangeiros presentes na região da cordilheira do Espinhaço – MG no século XIX

Conforme exposto a seguir, diversas cidades pertencentes ao Caminho dos Diamantes foram percorridas por esses viajantes e, a partir de seus relatos aliados ao patrimônio local, pode-se obter uma imagem diferenciada daquela comumente utilizada pelo *trade* turístico abarcando, inclusive, aspectos geoturísticos importantes.

A cidade de Ouro Preto por John Luccock (1808-1818)

“Vila-Rica é, talvez, um dos lugares mais estranhamente situados no mundo todo e somente mesmo o poderoso amor do ouro poderia ter dado origem a uma cidade grande em tal posição. Todavia, a aparência de suas ruas é digna e mais ainda o de seu calçamento. Uma delas estende-se através de vários contrafortes em linha reta, medindo cerca de duas milhas de comprimento. Das cinco mil casas que o local possui, consta uma quinta parte de boas construções, sendo as restantes construídas ligeiramente.” (Luccock, 1975, p. 332)

Cidade de Mariana por Wilhelm von Eschwege (1810-1821)

“Para os outros lados, o vale, em forma de caldeirão, é balizado por morros pouco elevados, constituídos de xistos argilosos, em toda a parte devastados pelo serviço de talho aberto. Em um deles, o proprietário, um dos mais distintos padres da catedral de Mariana, perdeu a vida em 1816, quando, dirigindo o trabalho,

foi soterrado com seus escravos por uma massa de terra que se desmoronou.” (Eschwege, 1979, p. 11).

Cidade de Catas Altas por John Mawe (1808-1818)

“Daí à aldeia de Catas Altas, 2 léguas além, está uma região aberta, das mais belas que eu jamais vira no Brasil. Ela muito se assemelha à que se estende de Matlock a Derby, e suas montanhas apresentam grande conformidade com as de Westmoreland. Algumas têm fendas, nas quais geralmente se encontram topázios bastante medíocres. Este distrito pareceu-me igualmente próprio para a agricultura e para os trabalhos das minas, sendo aí ricos o solo e o subsolo. Catas Altas conta pelo menos dois mil habitantes e está situada em lugar muito povoado. Seus edifícios públicos são bem construídos; as 347 habitações particulares têm bom aspecto, mas apresentam todos os sinais de decadência.” (Mawe, 1978, p. 143).

Cidade de Santa Barbara por Auguste François Cesar Prouvençal de Saint-Hilaire (1816-1822)

“Chegado próximo do Rio de Santa Bárbara seguiu seu curso até à aldeia do mesmo nome. As duas margens do rio foram revolvidas pelos mineradores; retiraram daí bastante ouro, mas o metal esgotou-se e a povoação de Itajuru de Santa Bárbara, que precede a aldeia de Santa Bárbara, está hoje quase abandonada. Nesse povoado, cujas casas são muito separadas umas das outras, e construídas a pouca distância do rio, existe uma que por seu tamanho chamou-me a atenção, podendo ser comparada a um de nossos castelos. Desta casa, que pertencia à família do capitão Pires, da aldeia de Itabira, dependia outrora uma mineração importante; essa mineração esgotou-se e a casa está atualmente quase abandonada.” (Saint-Hilaire, 1975, p. 57).

Cidade de Barão de Cocais por Auguste François Cesar Prouvençal de Saint-Hilaire (1816-1822)

“A aldeia de S. João do Morro Grande, onde me separei do capitão Gomes, é a cabeça de uma paróquia cuja população ascende a 5.420 habitantes, e que compreende cinco sucursais. S. João fica a 19°57' de lat., às margens do Rio Caeté e ao pé dos montes que o dominam. Outrora o ouro era encontrado com abundância nas vizinhanças deste rio; mineradores para aí acorreram e construíram a aldeia de S. João; mas as minas logo se esgotaram e a aldeia de S. João; mas as minas logo se esgotaram e a aldeia teve a mesma sorte que tantas outras, estando atualmente inteiramente abandonada. Não perdeu, contudo, todo o seu antigo esplendor; porque resta-lhe ainda uma das mais belas igrejas que vi na Província de Minas. Quase logo após ter

atravessado S. João do Morro Grande, passei diante de uma cruz, sobre a qual não posso deixar de dizer algumas palavras. Um homem, viajando nessa região, acreditou ter visto almas do purgatório, que volteavam ao redor de seu cavalo, sob a forma de pombos, pedindo-lhe preces. Em memória dessa aparição ele fez erguer a cruz; a história que venho de relatar acha-se gravada ao pé da mesma.” (Saint-Hilaire, 1975, p.117).

Cidade de Conceição do Mato Dentro por Auguste François Cesar Prouvençal de Saint-Hilaire (1816-1822)

“A povoação de Conceição (Nossa Senhora da Conceição de Mato Dentro) é a sede de uma paróquia cuja extensão é de 40 léguas, mas em que se compreendem florestas desabitadas que se estendem a leste. Essa povoação está situada em um vale, à margem de um regato que tem o mesmo nome. Por todos os lados é rodeada por colinas áridas e despidas, absolutamente impróprias para a cultura. Conceição pode ter cerca de duzentas casas que se alinham em duas ruas paralelas. A exceção de Itambé, de todas as povoações até então vistas, nenhuma apresentava como essa tantos sintomas de decadência e miséria. Essa povoação jamais esteve, certamente, na altura de Inficionado e Catas Altas; no entanto, o tipo das casas prova que seus primeiros ocupantes gozavam de abundância. Nessa época o ouro retirava-se sem dificuldade dos terrenos próximos à povoação; as minas, porém, empobreceram, e os atuais proprietários não possuem recursos para fazê-las explorar. Afastam-se sucessivamente de uma zona que não mais produz ouro e é imprópria à agricultura; o mato que cresce nas ruas de Conceição esconde quase completamente as pedras do calçamento; grande número de casas já foi abandonado, e as outras caem em ruínas. Conceição tem aspecto muito árido.” (Saint-Hilaire, 1975, p. 135).

Cidade do Serro por John Mawe (1808-1818)

“Vila do Príncipe foi erigida em comarca ou distrito em 1730, época na qual as lavagens de ouro eram mais produtivas, mas esta cidade fora fundada quinze anos antes, quando os paulistas, começando a deixar Vila Rica e os cantões vizinhos, aqui vieram se estabelecer. A cidade conta hoje cinco mil habitantes, dos quais a maior parte são lojistas; o resto é composto de artesãos, fazendeiros, mineiros e operários. Há um escritório de controle ao qual todos os mineiros do distrito trazem o outro que encontram e pagam o quinto, como em Vila Rica.” (Mawe, 1978, p. 159).

Cidade de Diamantina por Richard Francis Burton (1865-1868)

“A localização de Diamantina é peculiar: para leste e sudoeste, o terreno é extremamente alcantilado, ao passo que a parte norte é uma continuação das terras onduladas do campo. A incipiente “Haute Ville” é a melhor e mais saudável localidade, e aqui a povoação se espalhar. A “cidadezinha” desce pela encosta ocidental de um morro muito [íngreme, para terminar no profundo vale do Rio São Francisco ou Rio Grande, cujas águas, servindo de escoadouro às do terreno mais baixo, alimentam a artéria principal da bacia, o Rio Jequitinhonha, que fica a 3 léguas em linha reta e seis indiretamente. Visto do “Alto da Cruz”, a cidade apresenta um aspecto de prosperidade. Mudou muito, depois de 1801, quando era o “Arraial do Tijuco” e só contava com casas de pau-a-pique; não poderia ser reconhecida nas páginas de Gardner e M. Barbot, que a descreveram como era na geração passada. Abaixo de nós, estende-se um lençol de casas pintadas de muitas cores, cor-de-rosa, branco e amarelo, com quintais e jardins verdejantes, ao longo de ruas largas e amplas praças, ao passo que os edifícios públicos de tamanho maior e uma confusão de igrejas de duas torres ou uma torre só testemunham a religiosidade do lugar”. (Burton, 1976, p. 87-88).

4 Conclusão

Com ênfase particular na conservação, educação e reconhecimento de atrativos turísticos em relação aos aspectos geológicos, o geoturismo procura interpretar a relação entre o ambiente e os processos que o modelaram e pode ser uma ferramenta de educação ambiental, proporcionando um melhor aproveitamento dos recursos que a natureza nos oferece. Os roteiros, diários e relatos de viagem publicados por aqueles cientistas viajantes foram a fonte principal de informações para identificar Lugares de Interesse Geológico e Mineiro em suas trajetórias e podem apresentar uma nova leitura daquele patrimônio que, atualmente, já é atrativo de um produto turístico consolidado: o Caminho dos Diamantes. Além da descrição minuciosa dos pontos selecionados buscou-se, a partir de relatos e diários de viajantes naturalistas, citações dos lugares descritos nesse trabalho para corroborar a ideia de que a viagem motivada pelos aspectos geológicos e mineiros antecede a apropriação e efetivação do produto turístico Estrada Real. O interesse por esta região antecede e ultrapassa a criação e objetivos deste referido produto turístico. Nela existem vários locais referenciais de visitação e de permanência de

cientistas naturalistas do século XIX que narraram os primeiros passos para a consolidação dos conhecimentos sobre um vasto território, deixando um legado de relatos, roteiros e mapas cujas bases tinham uma visão integrada da natureza, seus recursos, a sociedade e a relação entre estes aspectos.

Embora existam registros históricos de viagens motivadas cientificamente pela geodiversidade, é perceptível que aspectos geológicos e mineiros passaram a despertar o interesse e a motivação de turistas nesta região. Conforme Moreira (2010), há algum tempo roteiros turísticos privilegiam a observação de características geológicas e geomorfológicas e não se restringem somente às saídas técnicas e aulas de campo para estudantes de ensino superior e pesquisadores. Contudo, apesar destes elementos serem destacados em diversos roteiros turísticos comercializados atualmente, inclusive em pontos salientados pelo Instituto Estrada Real, os agentes locais desconhecem ou não trabalham pela ótica do geoturismo. Este segmento turístico privilegia bem mais que a questão cênica; envolve além da estética, valores intrínsecos, culturais, econômicos, históricos, funcionais e científicos. Sendo assim, baseado na importância histórica em entender e descrever o patrimônio geomineiro, conclui-se que o geoturismo pode ser

uma alternativa para o aprimoramento turístico, além de ser uma ferramenta de conservação e educação.

5 Referências

- Burton, R.F. 1976. *Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora Universidade de São Paulo. 366 p.
- Eschwege, W.L. 1979. *Pluto Brasiliensis*. Tradução Domicio de Figueiredo Murta. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora Universidade de São Paulo. 222 p.
- IER – Instituto Estrada Real. Disponível em: <http://www.institutoestrada-real.com.br/>. Acesso em 12 de janeiro de 2018.
- Luccock, J. 1975. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora Universidade de São Paulo. 435 p.
- Mawe, J. 1978. *Viagens ao Interior do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora Universidade de São Paulo. 243 p.
- Moreira, J.C. 2010. Geoturismo: uma abordagem histórico-conceitual. *Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas*, 3(1): 5 – 10.
- Paula, S.F. & Castro, P.T.A. 2014. Protocolo de avaliação e inventariação de lugares de interesse geológico e mineiro. *Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas*, 7(1/2): 19 – 27.
- Ruchkys, U.A. & Machado, M.M.M. 2013. Patrimônio geológico e mineiro do Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais – Caracterização e iniciativas de uso para educação e geoturismo. *Boletim de Geociências Paranaense*, 70: 120 – 136.
- Saint-Hilaire, A.F.C. 1975. *Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora Universidade de São Paulo. 378p.